

Uma análise da função e estrutura dos textos consolatórios de Sêneca

An analysis of the function and structure of the Seneca consolation texts

*Erick Messias Costa Otto Gomes*¹

RESUMO

Sêneca se valeu da epístola como suporte para escrever e divulgar suas consolatórias aos destinatários e outros leitores, haja vista a abordagem da condição específica do consolado e, ao mesmo tempo, a recomendação de conselhos filosóficos gerais em seus textos. Ademais, tais textos foram estruturados a partir de estratégias retóricas, as quais permitiriam, a partir de uma elaboração textual, comunicar a narrativa com uma função social. O uso da retórica na *consolatio* senequiana se fundamenta no uso de preceitos e exemplos e tem como objetivo persuadir o leitor-ouvinte à mudança, à prática da filosofia. Nesse artigo, iremos abordar esses dois pontos: a consolatória senequiana como epístola e a estrutura geral desses textos.

Palavras-chave: consolatória. Sêneca. Preceitos. Retórica.

ABSTRACT

Seneca used the epistle as support to write and disseminate his consolations to recipients and other readers, considering the approach to the specific condition of the consoled and, at the same time, recommendations with general philosophical advice in their texts. In addition, these texts were structured from rhetorical strategies, which allowed, from a textual elaboration, to communicate the narrative with a social function. The use of rhetoric in the Seneca *consolatio* is based on the use of precepts and examples and aims to persuade the reader-listener to change to the practice of philosophy. In this article, we will address these two points: the Seneca consolation as epistle and the general structure of such texts.

Keywords: consolatory. Seneca. Precepts. Rhetoric.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Orientadora: Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena. Bolsista Capes. E-mail: erick.otto@bol.com.br.

1 Definição do texto consolatório

Ao abordarmos a temática da consolatória no contexto da Antiguidade romana, deparamo-nos com uma complexidade de significados. Consolar não se restringia a um gênero textual escrito a um destinatário com o objetivo de apaziguar ou eliminar sua dor. Como nos atesta Suetônio (*Aug.* 53.3), ao narrar um episódio em que o imperador Augusto consola um senador por sua cegueira, consolar poderia referir-se a um ato, independente de uma escrita. Neste caso, refere-se à consolação oral, isto é, na presença do consolado. Por sua vez, para Cícero, consolar presencialmente teria um melhor efeito em relação ao consolo realizado por meio de textos. A esse respeito, temos a carta de Servio Sulpício Rufo endereçada à Cícero pela morte de sua filha Túlia. Nessa carta, o emissor afirma o desejo de consolar pessoalmente seu amigo. “Se estivesse com você, não deixaria de estar a seu lado e teria mostrado minha dor diante de seus olhos de uma maneira pessoal” (*ad Fam.* 4.5.1)². Cícero, por sua vez, responde ao amigo e salienta a importância de sua presença:

Para dizer a verdade, eu gostaria, Servio, como me escreve, que você tivesse ao meu lado em tão grave desgraça. É fácil para mim entender o quanto você poderia ter me ajudado com a sua presença e não apenas me confortando, mas sentindo quase a mesma dor, porque depois de ler suas cartas eu encontrei algum consolo. (*ad Fam.* 4.6.1)³

A partir desse excerto, notamos a importância de estar perto (*adfuissem*) para consolar ao amigo afligido pela dor, seja para consolar oralmente, seja para compartilhar as mesmas dores. No entanto, apesar de possuímos informações

² *qui, si istic adfuissem, neque tibi defuissem coramque meum dolorem tibi declarassem (ad Fam. 4.5.1).*

³ *Ego vero, Servi, vellem, ut scribis, in meo gravissimo casu adfuissem. Quantum enim praesens me adiuvari potueris et consolando, et prope aequo dolendo, facile ex eo intelligo, quod, litteris lectis, aliquantum acquievi (ad Fam. 4.6.1).*

sobre consolações orais, feitas na presença direta do consolado por meio de uma visita pessoal do consolador,⁴ temos uma presença muito mais marcante das consolações textuais, tendo em vista os textos que nos chegaram que abordam tal gênero. Sendo assim, ao tratarmos da tipologia da consolatória estaremos, antes de tudo, abordando um gênero textual com características mais ou menos definidas.

Devemos lembrar, ainda, que outro aspecto importante para a definição de um texto enquanto *consolatio* é seu conteúdo, isto é, a construção do argumento do autor para convencer o leitor a combater as dores que o afligiam. Em Sêneca⁵, o argumento retórico era construído a partir de dois elementos: os

⁴ Há algumas referências de consolações orais feitas na presença direta do consolado por meio da visita pessoal do consolador. Dado o caráter oral dessas consolações, não temos delas mais que informações ou, no melhor dos casos, uma reelaboração efetuada por outro autor e incluída em seus escritos (REDONET, 1997, p. 370). Assim, para além da consolação realizada por Augusto, Plutarco nos informa que consolou pessoalmente Clea, sacerdotisa de Delfos (cf. *Plut. Mor.* 242). Como outros exemplos reelaborados, temos a consolação do filósofo Filisco a Cícero, apresentada na forma de diálogo por Dio Cássio (*Hist.* 38.18-29), ou ainda a consolação do filósofo Ateo Dídimo a Lúvia, referida por Sêneca em uma consolatória dedicada à Mária (Sen. *Marc.* 4.3-5, 6).

⁵ Lúcio Aneu Sêneca, nascido em Córdoba, por volta dos anos 4 e 1 a.C., é proveniente de uma rica família da província Bética. A riqueza e as conexões familiares de Sêneca proporcionaram uma base na qual desenvolveu sua formação em filosofia e adentrou na política da cidade de Roma. Vindo de uma família hispânica que buscou construir sua influência em Roma, tendo se relacionado com imperadores diversos e de distintas formas, foi de exilado político no governo de Cláudio a preceptor de Nero. Conhecemos muito pouco sobre a sua vida antes de 41, ano dos envolvimento do filósofo na política imperial romana, embora sua *Consolatio ad Marciam* provavelmente seja escrita pouco antes dessa data. No final do desse ano, foi envolvido em um processo de adultério movido contra Júlia Livila, filha de Germânico e irmã de Calígula. A *relegatio* de Sêneca (a forma menos severa do exílio) implicou na confiscação de metade de sua propriedade, que provavelmente lhe foi restituída em seu retorno em 49 d.C. Foi nesse intervalo de 8 anos em exílio que podemos datar seguramente a escrita da *Consolatio ad Heluiam* e da *Consolatio ad Polybium*.

Em 49 foi chamado de volta a Roma por meio da influência de Agripina, a Jovem, nova esposa do imperador Cláudio, e nomeado como tutor de Lúcio Domício Enobarbo, o futuro imperador Nero. Desse ponto em diante Sêneca se inseriu na corte imperial e formou uma aliança duradoura com Afrânio Burro, outro nomeado de Agripina, que foi prefeito da guarda pretoriana a partir de 51 d.C. Sêneca é considerado o membro mais relevante do *consilium principis* e, ao lado de Burro, desempenha um papel importante no principado de Nero durante os seus primeiros anos.

O início do principado de Nero foi o auge da influência política de Sêneca. Os relatos antigos abordam a atuação política de Sêneca nos bastidores da corte imperial. Nesse contexto político,

preceitos e os exemplos. No entanto, nesse artigo, nos deteremos apenas na função e na estrutura das consolatórias do filósofo, baseando-nos na tradição consolatória romana, sobretudo em Cícero e Sêneca, além de abordarmos sucintamente a estruturação das consolações senequianas.

Como dissemos, a consolatória, enquanto gênero textual, não era definida necessariamente por sua forma, mas por seu conteúdo, haja vista que uma consolatória poderia ser escrita na forma de epístola, poesia ou um tratado filosófico. Quais seriam, então, as características da consolação enquanto gênero textual? De acordo com René Waltz (1923, p. vi), as consolatórias se estruturam em duas partes distintas, mas desenvolvidas em conjunto, quais sejam: a primeira diz respeito às circunstâncias particulares que incitaram à composição da consolatória, atendendo assim ao caráter particular da pessoa a quem se destina o texto; a segunda parte, de caráter geral, está embasada em máximas – as *sententiae* – e em exemplos, e vem a ser similar em todos os textos do gênero. Segundo o autor, por sua parte pessoal, assemelhavam-se às cartas de orientação da alma; em sua parte geral, entram na categoria de textos com ensinamentos morais (WALTZ, 1923).

quando a hostilidade de Nero em relação a Agripina adquiriu maiores proporções, Sêneca e Burro, tendo perdido a capacidade de triangular a relação com a mãe do imperador, experimentaram um declínio acentuado na influência (HABINEK, 2014, p. 13). Após ser isolada, Agripina foi assassinada por ordem de Nero e com a cumplicidade de Sêneca e Burro (Tac. *Ann.* 14.7).

A morte de Burro, em 62, enfraqueceu ainda mais a posição de Sêneca (Tac. *Ann.* 14.52). Diante da influência crescente de Ofônio Tigelino, junto de Nero, que o nomeou substituto de Burro como prefeito da guarda pretoriana, Sêneca tentou retirar-se da vida ativa, pedido que Nero recusou deferir, talvez porque a presença de Sêneca continuasse a ser um importante elo de ligação do imperador com os senadores (Tac. *Ann.* 14.53-56; 15.45.). No entanto, a continuidade de Sêneca como conselheiro de Nero não pressupõe a conservação da sua influência (*potentiam* Tac. *Ann.* 14.52.1). Por outro lado, como nos lembra Veyne (2015, p. 215), isso não significa um afastamento completo da política, mas fazê-la por outros meios de ação, isto é, pela divulgação de seus preceitos por meio dos textos.

Sua morte foi causada pela acusação de envolvimento na conspiração de Pisão, na qual era planejada a morte de Nero e sua substituição por Caio Calpúrnio Pisão (Tac. *Ann.* 15.48-71). Apesar da veracidade e extensão do envolvimento de Sêneca com essa conspiração não serem claras nas fontes que nos chegaram (BRAUND, 2015, p. 18), sabemos que Sêneca obedece aos ordens do imperador e comete suicídio no ano de 65, na companhia de sua esposa e amigos.

Como pontua Mónica Celestino, uma *consolatio* é um escrito suscetível de adotar diferentes formas textuais – epístola, tratado, poema – cujo fundo comum é servir de veículo para a exposição de ideias morais e de perspectivas filosóficas, de carácter geral, que serviam de pauta de comportamento diante de situações penosas, na maioria das vezes motivada pela morte de um ente querido, quando não pelo desterro (CELESTINO, 1998, p. 74-75).

De modo geral, a historiografia denomina as consolatórias de Sêneca ora de “cartas/epístolas consolatórias” (cf. CID LUNA, 1999; RAIJ, 1992), ora de “consolações filosóficas” (cf. MANNING, 1974; REDONET, 2003). Ambas denominações guardam características importantes das *consolationes senequianas*: elas são, de certo modo, breves tratados filosóficos os quais, por sua vez, se valem da epístola enquanto suporte material para alcançar o destinatário e um público leitor-ouvinte mais amplo.

2 As consolatórias de Sêneca como epístolas

As epístolas eram recursos essenciais para a comunicação na Roma antiga. E, para isso, tais textos se valiam de elementos oratórios e retóricos para a construção da mensagem a ser transmitida ao destinatário e ao público leitor-ouvinte. Poderiam ser escritos em tabuinhas, papiros ou pergaminhos com o objetivo de transmitir ou enviar uma mensagem. Enviados pelos *tabellarii*, isto é, escravos, libertos ou cidadãos livres que serviam como mensageiros, as epístolas circulavam por diversas estadas do Império, interligando cidades e, desse modo, serviam a objetivos administrativos e/ou particulares.

A palavra *epistula*, em latim, pode ser traduzida por “carta” ou “epístola”, sendo utilizada pelos escritores romanos no sentido de “carta que se envia”, em oposição à *litterae*, que remetia ao escrito e seu conteúdo (PIERNAVIEJA, 1978, p. 361). A partir de tais considerações, a classificação das

cartas na Antiguidade proposta por Carmen Castillo (1974, p. 437), tendo por base suas funções, pode nos ajudar a pensar a tipologia da consolatória. A autora apresenta quatro tipos de cartas: 1) a carta-mensagem, geralmente sucinta e pontual; 2) a carta-intercâmbio, uma troca de mensagens pessoais entre amigos; 3) a carta-tratado, usada para exposição de ideias filosóficas; e 4) a carta-proêmio, de característica dedicatória.

Além disso, as cartas poderiam ser escritas em prosa ou em verso. Como pontua Piernavieja (1978, p. 364), o estilo das cartas depende de diversos fatores, dentre eles, as preferências estilísticas pessoais e gerais da época de cada autor, do assunto tratado, intimidade com o destinatário, importância social deste etc. A partir dessas definições, as consolatórias de Sêneca se assemelhariam mais à carta-tratado, haja vista que, apesar do caráter particular de cada destinatário, elas apresentam preceitos filosóficos gerais e orientações morais.

Para Celestino (1998, p. 61-62), não poderíamos incluir as consolatórias no gênero epistolar, haja vista que o mesmo possuía uma normativa muito precisa e estruturada. Para a autora, o fato de as consolatórias serem dirigidas a pessoas concretas (Márcia, Hélvia e Políbio) são a única relação das consolatórias senequianas com o gênero epistolar. No entanto, apesar de concordarmos que não podemos tratar as consolatórias enquanto epístolas *stricto sensu*, não podemos negar que, além de possuírem destinatários concretos, as consolatórias de Sêneca se valem da epístola, ao menos, como suporte para a transmissão de suas mensagens e, além disso, enquanto modelo para a construção de sua forma.

Como dissemos, as consolatórias no mundo antigo possuem uma variedade de formas textuais, mas no caso particular de Sêneca, todas elas foram escritas como epístolas e dirigidas a destinatários particulares. Assim, concordamos com a proposta de Waltz (1923, p. vi), segundo o qual as

consolatórias senequianas são um tipo de texto que transitam entre as epístolas e os tratados filosóficos. Van Rajj (1992, p. 18) pontua que eram pequenos tratados, sob a forma de cartas, destinados ao combate dos diversos tipos de males. Desse modo, podemos notar como, em Sêneca, o texto consolatório pautou-se, sobretudo, na epístola enquanto suporte material para conduzir o destinatário às mudanças em relação à dor e ao público mais amplo para transmitir mensagens de cunho filosófico.

A partir de tais pressupostos, vejamos como o *tópos* consolatório apareceu nos textos antigos e, dessa forma, formou-se uma tradição da qual Sêneca se valeu para a construção de seus textos consolatórios.

3 A tradição consolatória em Roma

O desenvolvimento da *consolatio* enquanto gênero textual ocorreu apenas na época helenística.⁶ O primeiro texto com o objetivo de consolar de que temos notícia foi escrito pelo filósofo acadêmico Crantor (335-275 a.C.) intitulado *De luctu* (Cic. Acad. 2.135) ou *Consolação à Hipocles* (REDONET, 1997, p. 341; CELESTINO, 1998, p. 72; CAROÇO, 2011, p. 26) dirigida a seu amigo Hipocles que perdera o filho. Outros filósofos escreveram consolações, como Epicuro, a um amigo, e Metrodoro, à irmã que perdera um filho. Chama a atenção de que a maioria das consolatórias de que temos notícia foram escritas por filósofos. A *consolatio*, podemos pressupor, encontrou na filosofia um terreno fértil e Cícero nos informa que cada escola desenvolveu tópicos próprios para o apaziguar a

⁶ Segundo Alexandra F. P. Caroço (2011, p. 26), antes do desenvolvimento da *consolatio*, existiam, em outros gêneros, especialmente nas obras de poetas e dramaturgos gregos, argumentos e elementos suficientes para que fossem criadas normas do gênero consolatório, tal como na *Ilíada*, em que Aquiles tenta consolar Príamo pela morte de seu filho (*Il.* 24.486 ss) e, na *Odisséia*, na qual Nausícaa reconforta Ulisses e incita-o a suportar os fardos da vida (*Od.* 6.188 ss); além disso, os poetas líricos e os trágicos da época clássica apresentam numerosas linhas de textos com pretensões consolatórias (CAROÇO, *Ibid.*).

dor dos afligidos (*Tusc.* 3.76). Isso se dá, segundo nossa leitura, pelo fato de os mesmos se considerarem médicos da alma (*Cic. Tusc.* 26.65). Os filósofos, sobretudo os estoicos, se consideravam como investidos de uma espécie de missão para a qual, valendo-se dos familiares e amigos, atingiriam a todos os homens, qual seja, a de dirigir as consciências e, ao confiar tais obras ao público, tencionavam promover o bem comum da comunidade (WALTZ, 1923, p. v).

Cícero define o objetivo da *consolatio* nos seguintes termos (*Tusc.* 3.75): “os deveres dos que consolam são, portanto, os seguintes: eliminar a raiz da aflição ou aplacá-la ou reduzi-la ao mínimo e não permitir que se continue estendendo ou canalizá-la em outras direções”⁷. Assim, de acordo com o excerto, o consolador deve apaziguar ou eliminar a causa da *aegritudo*, isto é, a aflição decorrente de algum mal que se abateu sobre o consolado. Sobre esse ponto, Redonet (2001, p. 81) afirma que a *consolatio* é um ato persuasivo orientado a função específica de modificar a forma de pensar do que se lamenta por alguma aflição.

Na língua grega, a *consolatio* recebia o nome de *paramythétikós logos* (CELESTINO, 1998, p. 73), um escrito composto em ocasião de uma adversidade e sua finalidade era aliviar a pena de quem a sofria. A filosofia viu nessa prática um recurso apropriado para a transmissão de conselhos de tipo geral, frente às contradições da vida (enfermidade, velhice, morte, ruína, exílio etc.), buscando como fim último a tranquilidade dos que sofriam tais infortúnios. Apesar de ser uma prática de diversas escolas filosóficas, foi no estoicismo que tal gênero alcançou maior desenvolvimento, mesmo que do estoicismo antigo não nos tenha chegado nenhum tratado consolatório.⁸

⁷ *Haec igitur officia sunt consolantium, tollere aegritudinem funditus aut sedare aut detrahere quam plurimum aut sopprimere nec pati manare longius aut ad alia traducere* (*Tusc.* 3.75)

⁸ Ainda assim, podemos citar, entre os estoicos, Panecio, o qual escreveu uma consolatória em forma de carta para seu amigo Tuberão, sobre os modos de suportar a dor (*Cic. De fin.* 4.23).

Já na língua latina, é com Catulo que um pedido de conforto, uma *allocutio*, aparece pela primeira vez:

Está enfermo, Cornifício, seu amigo Catulo está enfermo, por Hércules, e exausto, mais e mais a cada dia e a cada hora. Com que palavras você o consolou (*allocutione*), coisa muito fácil e insignificante? Estou zangado contigo. Assim corresponde a meu amor? Eu gostaria de algumas breves palavras (*allocutionis*), mais tristes que as lágrimas de Simônides. (Catulo. *Elegias*. 38)⁹

Neste poema, o silêncio de um amigo à luz de seu sofrimento faz com que Catulo fique profundamente angustiado. No poema, podemos notar uma relação evidentemente próxima entre Catulo e Cornifício. A designação “seu Catulo” (*tuo Catullo*) é usada exclusivamente em poemas dirigidos a amigos muito íntimos.

Catulo, no início do poema, refere a si mesmo na terceira pessoa. Na primeira linha, o orador se dirige a Cornifício e o informa do triste estado de seu amigo íntimo “Catulo”. Como se o destinatário não o tivesse ouvido na primeira vez, repete a palavra *malest* (“não está bem”) na segunda linha, acentuando esse fato com a expressão de indignação *me hercule*. No meio do poema, o enunciador acusa Cornifício de falta de interesse em seu amigo. Ele tinha que fazer muito pouco (*quod facillimumque mínimo est*) para consolá-lo. Mas a pergunta retórica deixa claro que ele não o fez – *quem tu [...] qua solatus es allocutione?* (Com que palavras você o consolou?)

Após demonstrar sua ira (*irascor tibi*), o poema muda para a primeira pessoa e parece confrontar Cornifício de frente. Nesse trecho, a mensagem central do poema é esclarecida: *Com sic meos amores?* - “(É) isso que meus sentimentos (significam para você)?” – o locutor coloca outra questão retórica,

⁹ MALEST, Cornifici, tuo Catullo malest, me hercule, et laboriose, et magis magis in dies et horas. quem tu, quod minimum facillimumque est, qua solatus es allocutione? irascor tibi. sic meos amores? paulum quid lubet allocutionis, maestius lacrimis Simonideis (Cat. Eleg. 38)

talvez em uma tentativa de mudar a situação, mas essa questão já foi respondida inequivocamente nas linhas precedentes. Então o orador usa uma tática diferente. Após essa explanação, o autor termina o poema com um apelo ao destinatário: “apenas diga alguma coisa” (*paulum*).

O vocativo *Cornifici* cria a impressão de uma conversa. Mas a *ampliatio* da aflição de Catulo deixa claro que Cornifício nunca perguntou sobre o bem-estar de seu amigo: o orador, então, precisa provocar alguma reação do destinatário. O locutor intervém e informa Cornifício da situação em relação a Catulo, porque ele não está fazendo isso por sua própria vontade (VILLIERS, 2016, p. 180). Quando a primeira pessoa exalta com uma exclamação de raiva (*irascor tibi*), o interlocutor tenta colocar um diálogo em movimento. No entanto, as duas últimas linhas são desprovidas de qualquer referência ao emissor ou ao destinatário (ou Catulo na terceira pessoa).

Por causa da identificação de Cornifício como um poeta neotérico e a referência ao poeta alexandrino Simônides na linha final, pode-se argumentar que o pedido de Catulo (*allocutio*) refere-se a um poema (VILLIERS, 2016, p. 181). A associação de Simônides com as lamentações na linha final (*maestius lacrimis Simonideis*) leva-nos a dedução de que o pedido de Catulo é por uma consolação. De todo modo, a referência a Simônides é uma tentativa da parte do interlocutor de apelar para o lado poético de Cornifício, e, segundo nossos pressupostos, é a uma consolação que Catulo se refere, seja ela realizada por meio de um poema ou por algumas palavras ditas pessoalmente.

Desse modo, a *allocutio* não precisa necessariamente se referir a um poema; pode simplesmente denotar “palavras de conforto”. Apesar de significar mais basicamente “um discurso falado ou escrito” (KOWERSKI, 2008, p. 154), é o contexto mais amplo que faz a palavra se referir a alguma forma de consolo. Tal termo também aparece, em momento posterior, em Sêneca, em *ad Marciam* e *ad Heluiam*. Vejamos:

Qual será, pois, o fim? Todas as coisas foram tentadas em vão: as palavras de consolo fatigadas dos teus amigos, a influência dos grandes homens e dos teus parentes, o trabalho, um bem hereditário e paterno, tudo passou inutilmente pelos teus surdos ouvidos e apenas como um suave consolo para uma breve distração. (*Marc.* 1.6)¹⁰

Que direi quanto ao fato de que eram necessárias a um homem, que da própria pira levantava a cabeça para consolar os seus, palavras novas não tomadas à fala comum e cotidiana? (*Helu.* 1.3)¹¹

Como vemos, o vocábulo aparece no início de ambas consolatórias. Segundo nossa interpretação, o filósofo pretende mostrar como palavras de consolo (*adlocutiones*) podem não ser suficientes para exortar as destinatárias a extirpar as aflições, sendo necessário o uso de exemplos e preceitos, conforme veremos. Além disso, é interessante notar que o termo *adlocutio* ocorre apenas nas consolatórias destinadas a mulheres. Isso ocorre pois esse era um termo usado para designar palavras de consolo empregadas em âmbito feminino (Varrão. *De Lingua Latina.* 6.7)¹², como podemos notar pelo fato de ser empregado apenas nessas consolatórias supracitadas, ao passo que não o encontramos em nenhum outro momento no contexto das consolatórias senequianas destinadas a outros personagens.

O termo *consolatio*, por sua vez, aparece pela primeira vez em Cícero (*Tusc.* 26.65), no qual o autor se refere a um tratado consolatório que endereçou

¹⁰ *Quis enim erit finis? Omnia in superuacuum temptata sunt: fatigatae adlocutiones amicorum, auctoritates magnorum et adfinium tibi uirorum; studia, hereditarium et paternum bonum, surdas aures inrito et uix ad breuem occupationem proficiente solacio transeunt; illud ipsum naturale remedium temporis, quod maximas quoque aerumnas componit, in te una uim suam perdidit.* (*Marc.* 1.6)

¹¹ *Quid quod nouis uerbis nec ex uulgari et cotidiana sumptis adlocutione opus erat homini ad consolandos suos ex ipso rogo caput adleuanti?* (*Helu.* 1.3)

¹² *hinc adlocutum mulieres ire aiunt, cum eunt ad aliquam locutum consolandi causa* (Varr. *De Ling. Lat.* 6.7)

a si mesmo¹³ em função da morte de sua filha Túlia. De modo geral, as *Tusculanae Disputationes*, de Cícero, são uma fonte indispensável de informação sobre gênero consolatório, haja vista que nelas estão explícitas características retórico-filosóficas da *consolatio* latina, em especial a primeira *Tusculana*, na qual debate-se a morte como um mal e a terceira, que trata da aegritudo em geral (CAROÇO, 2011, p. 27).

A *aegritudo*, isto é, o desgosto ou aflição, é a justificativa para a escrita dos textos consolatórios, uma vez que consolar seria exortar o destinatário a eliminar a raiz dessa de sua dor. Para tanto, Sêneca se vale dos remédios adequados a cada situação com o objetivo de eliminar as emoções negativas, *perturbationi animi*. É, portanto, a partir de tal premissa que o filósofo constói sua argumentação com o objetivo de extirpar a dor dos destinatários.

4 Estrutura das consolatórias senequianas

Para compreendermos a estruturação dos argumentos de Sêneca em seus textos consolatórios, devemos levar em consideração a filosofia estoica da qual parte Sêneca no desenvolvimento de tais exortações. Para o estoicismo, o mundo era governado pela providência de uma divindade benevolente, racional por excelência. Por sua vez, cada pessoa possuía em si um fragmento dessa substância divina, pois “a razão não é outra coisa senão a parcela do espírito divino inserida no corpo do homem” (Sen. *Ep.* 66.12)¹⁴. Com base em tais pressupostos, para Sêneca, o objetivo do homem era pôr a razão individual em conformidade com a razão cósmica (CAROÇO, 2011, p. 33). Combater a *aegritudo*, assim sendo, incluiria alguns motivos: primeiro, a aflição era uma emoção irracional e, portanto, não estava conforme a natureza divina; em

¹³ O referido tratado intitulava-se *Consolatio*, o qual atesta-se em diversos momentos da obra de Cícero (Cic. *Tusc.* 3.76; Cic. *Tusc.* 4.63; Cic. *Tusc.* 1.75; Cic. *Tusc.* 1.65).

¹⁴ *Ratio autem nihil aliud est quam in corpus humanum pars divini spiritus mersa* (Sen. *Ep.* 66.12)

segundo lugar, muitas das circunstâncias que eram motivo de tristeza não eram males reais, mas indiferentes, e não deveriam, por si só, provocar uma *aegritudo*; por fim, deixar-se levar por uma *dolor* traria consequências não só àquele que se entrega a tal paixão, mas também à toda comunidade.

Por se tratarem de textos filosóficos, Cícero nos mostra como as diferentes escolas filosóficas desenvolveram argumentos próprios para remediar as dores da alma: dizer que o dito mal não existe em absoluto; que não se trata de um grande mal; desviar a atenção para os bens; ou mostrar que não se sucedeu nada inesperado (cf. Cic. *Tusc.* 3.76). Ainda assim, combinar argumentos de diversos tipos parece ser a estratégia mais eficaz:

Há também quem reúne todas as formas de consolação, pois um reage a uma forma e outro a outra, quase do mesmo modo que eu, em minha Consolação, tenho reunido todas as formas em uma só consolação; minha alma estava em realidade inflamada e eu tentei de toda forma curá-la. (Cic. *Tusc.* 3.76)¹⁵

Assim como em Cícero, na língua latina, de modo geral, as consolações conservadas revelam que a forma eclética da *consolatio* é praticamente a única existente (REDONET, 2001, p. 64). Em Sêneca, também, podemos observar essa amálgama de argumentos: prolongar o luto é inútil (*Pol.* 2.1); que o exílio é apenas uma mudança de lugar (*Helu.* 7.1); o filho de Márcia, ao morrer, se libertou de todos os possíveis males que poderiam o acometer (*Marc.* 20.6).

Além disso, as consolações latinas são direcionadas, principalmente, para aqueles que lidam com a perda de um ente querido.¹⁶ Das que sobreviveram, a *consolatio mortis* é o tipo mais comum de consolatória. Nas *Tusculanas*, de

¹⁵ *Sunt etiam qui haec omnia genera consolando colligant — alius enim alio modo movetur —, ut fere nos in Consolatione omnia in consolationem unam coniecimus; erat enim in tumore animus, et omnis in eo temptabatur curatio* (Cic. *Tusc.* 3.76)

¹⁶ O tema do luto é tratado nas seguintes *consolationes* em prosa: Sêneca, *Marc.*; *Polyb.*; *Ep.* 63; 93; 99; Plutarco, *Ad Apollonium*; *Ad uxorem*. Em verso, temos a *Consolatio ad Liuiam* e também as *Siluae* de Estácio (2.1; 2.6; 3.3; 5.1 e 5.5).

Cícero, podemos buscar uma referência para a variedade temática da consolatória antiga. De acordo com o autor,

Mas já lidamos com essa forma de aflição, que é a mais grade de todas,¹⁷ de maneira que, uma vez eliminada, pensamos que não devemos nos esforçar em demasia em buscar os remédios para as restantes. Para a pobreza, para a vida isenta de honras e glória, muitas vezes são usados argumentos estereotipados; existem também exposições filosóficas particulares consagradas ao exílio, à destruição da pátria, à escravidão, à fragilidade e à cegueira, a toda circunstância a qual se pode aplicar o nome de calamidade. (Cic. *Tusc.* 3.81)¹⁸

Como podemos observar na carta ciceroniana, os textos consolatórios possuíam uma variedade de *remedia*, de modo a combater males específicos para cada tipo de sofrimento. Sêneca também partilhava desse conhecimento, uma vez que afirma que “os antigos inventaram os remédios adequados aos males da alma, mas cabe-nos averiguar o modo e a ocasião em que eles devem ser aplicados” (*Ep.* 64.8)¹⁹. A *consolatio mortis*, assim, seria apenas um tipo dentre vários outros nos quais filósofos e escritores buscavam consolar aqueles que eram acometidos por quaisquer tipos de aflições. Como nos informa Cícero (*Tusc.* 3.81), os gregos possuíam livros particulares para cada uma dessas questões e, tais como os médicos, os filósofos tratavam os males da alma específicos com os respectivos *remedia*.

¹⁷ Aqui, Cícero refere-se à “aflição que implica sofrimento”, isto é, a falta de sabedoria (Cic. *Tusc.* 3.68). O autor parte de uma ideia genuinamente estoica segundo a qual a falta de sabedoria seria a principal causa das aflições para o homem. Ainda, critica aos que não lamentam a falta da sabedoria e, ao mesmo tempo, o comportamento dos mesmos ao tratarem os efeitos, e não as causas de seu sofrimento.

¹⁸ *Tractatum est autem a nobis id genus aegritudinis, quod unum est omnium maxumum, ut eo sublato reliquorum remedia ne magnopere quaerenda arbitraremur. Sunt enim certa, quae de paupertate, certa, quae de vita inhonorata et ingloria dici soleant; separatim certae scholae sunt de exilio, de interitu patriae, de servitute, de debilitate, de caecitate, de omni casu, in quo nomen poni solet calamitatis* (Cic. *Tusc.* 3.81)

¹⁹ *Animi remedia inventa sunt ab antiquis; quomodo autem admoveantur aut quando nostri operis est quaerere* (*Ep.* 64.8)

Apesar dessa variabilidade de temas, as consolatórias de Sêneca possuíam uma estruturação de conteúdo mais ou menos coerente. A *consolatio*, como dissemos, poderia adaptar-se tanto à epístola quanto ao tratado e, em termos gerais, as semelhanças entre as duas formas de *consolatio* se davam ao nível do *exordium* e do setor central, havendo maiores diferenças entre o final da carta e a *conclusio* do tratado (CAROÇO, 2011, p. 30). Novamente é em Cícero que podemos buscar mais detalhes a respeito da estrutura geral das consolações, baseada em seu conteúdo:

Nas consolações, portanto, o primeiro remédio será demonstrar, ou que não existe nenhum mal ou que é um mal muito pequeno, o segundo consistirá em tratar da condição comum da vida e em particular, se é que tem algo de específico, da condição do que sofre; o terceiro será indicar que é absurdo extremo deixar-se consumir inutilmente pela dor, embora se entenda que nenhum benefício é obtido. (Cic. *Tusc.* 3.77)²⁰

Aqui, notamos 3 partes distintas da *consolatio*, apesar de interligadas: primeiro, demonstrar ao leitor que os males que o afligem não existem ou são ínfimos; segundo, abordar as condições específicas do destinatário para que o remédio possa servir-lhe melhor; por fim, exortar o consolado a deixar de sentir a dor que o aflige. Tais *remedia* são aplicados por Sêneca ao longo de cada consolação. Em *ad Helviam* há uma marcada preeminência da primeira característica, isto é, demonstrar que o desterro não é um mal; em *ad Marciam* e *ad Polybium* há uma maior consideração da segunda e terceira característica, respectivamente.

As consolações filosóficas de Sêneca possuem uma disposição mais ou menos similar: primeiro, uma introdução na qual o autor anuncia o mal que pretende sanar e o tratamento que vai aplicar; depois, a consolação

²⁰ *Erit igitur in consolationibus prima medicina docere aut nullum malum esse aut admodum parvum, altera et de communi condicione vitae et proprie, si quid sit de ipsius qui maereat disputandum, tertia summam esse stultitiam frustra confici maerore, cum intellegas nihil posse profici.* (Cic. *Tusc.* 3.77)

propriamente dita, a qual se divide geralmente em duas partes, consagrada primeiro ao afligido e a segunda a causa da aflição; por fim, uma conclusão termina a obra. Apesar desse esquema parecer rígido, as cartas consolatórias de Sêneca trazem características únicas, haja vista a necessidade do destinatário e o contexto político no qual o autor está inserido, além da intencionalidade do filósofo em atingir um público que supera o destinatário propriamente dito e, assim, transmitir mensagens e comunicar ideias que variam conforme o momento em que cada carta é escrita.

Vejamos, de modo breve, como essas três partes da *consolatio* definidas por Cícero aparecem em Sêneca. A *Consolatio ad Marciam*, escrita em ocasião do luto de três anos demonstrado por Márcia em função da perda de seu filho Metílio, possui a seguinte estrutura:

- *Exordium* (1): Sêneca escreve à Márcia por conhecer suas qualidades morais e coragem demonstrada após a morte de seu pai.
- *Exempla* (2-5): o autor aborda os exemplos de duas mulheres: Otávia, inconsolável pela morte de Marcelo e Lúvia, que superou a morte de seu filho, Druso.
- *Consolatio* propriamente dita:
 - Preceitos gerais (6-11);
 - Situação de Márcia (12-19.3);
 - Causas de sua aflição (19.4-25)
- *Conclusio* (26)

Na *Consolatio ad Helviam matrem*, por sua vez, tem como destinatária a própria mãe de Sêneca, a qual sofria pelo desterro do filho. Possui a seguinte estruturação:

- *Exordium* (1-3): Sêneca se propõe a consolar sua mãe, triste pelo exílio do filho, recordando todos os infortúnios que ela tem sofrido e, se superou os outros, superará este.
- *Consolatio* propriamente dita:
 - Demonstração de que Sêneca não é um exilado (5-13): o exílio nada mais é que uma mudança de lugar e a natureza é a mesma em todas as partes e, ao mudar as moradias, as virtudes acompanham o filósofo;
 - Consolação à Hélvia (14-19): sua dor só poderia ter duas causas, ou a perda do filho, ou a saudade, sendo esta legítima, mas que demonstraria sinal de fraqueza. Hélvia deve mostrar tenacidade, e será de grande ajuda o estudo da filosofia.
- *Conclusio* (20): reitera que não é exilado e seu espírito, livre de preocupações, se entrega aos estudos, sobretudo dos fenômenos naturais.

Por sua vez, a *Consolatio ad Polybium* tem como destinatário o liberto de o imperador Cláudio de grande influência na corte, pelo qual passam todas as petições de clemência dirigidas ao imperador (CELESTINO, 1998, p. 76). Tendo visto como se estrutura a *consolatio* a partir de sua função e sua forma, vejamos, agora, o modo como seu conteúdo é estruturado:

- Uma lacuna no texto não nos permite conhecer o *exordium*.
- Políbio não deve continuar chorando a morte do irmão (1-8): a morte é a lei do universo e o choro não seve de nada. A função de Políbio na sociedade o obriga a ser exemplo de integridade.

Para tanto, deve pensar no imperador e entregar-se às suas funções públicas.

- A morte em si não é uma desgraça (9-12): a morte não deve ser motivo de choro. Políbio deve consolar-se pensando no tempo que desfrutou na presença de seu irmão. A morte é inevitável e o motivo máximo de consolo deve ser estar ao serviço do imperador.
- Elogio e súplica a Cláudio (13-27): prosopopeia do imperador e exemplos de outros grandes personagens a imitar.
- *Conclusio* (18).

Tendo em vista exposto acima acerca das estruturas das consolações de Sêneca, podemos dizer que as características gerais da *consolatio* senequiana são (CLESTINO, 1998, p. 77-78): um conjunto de tópicos filosóficos de natureza consolatória; um discurso retórico em que se combinam tais tópicos; argumentos teóricos (*praecepta*) apoiados por exemplos (*exempla*) a imitar; epístolas que são dirigidas a uma pessoa afetada por uma adversidade, seja a morte, o desterro ou a doença.

A partir do exposto acima, podemos dizer que a consolatória de Sêneca é um encontro da retórica com a filosofia. A retórica aparece como forma de dispor o conteúdo e articulá-lo, enquanto a filosofia se mostra nos preceitos levados ao leitor-ouvinte, os quais comunicam uma mensagem que incita à mudança de comportamentos diante de cada aflição.

5 Considerações finais: Sêneca, as consolatórias e os comportamentos virtuosos

Em vista destes aspectos, consideramos a consolatória como um texto que apresentava uma escrita que levava o destinatário a refletir racionalmente

perante a dor que o acometia. Logo, as consolatórias de Sêneca eram uma espécie de “farmácia moral” (OMENA, 2011, p. 260), o consolador preocupava-se em socorrer aqueles que sofriam, “mesmo sem serem solicitados, com argumentos prévios e cuidadosamente preparados para combater os males que mais afligiam o homem, como a doença, a velhice, a pobreza, o exílio e, o maior deles, a morte” (VAN RAIJ, 1999, p. 14). A dor foi apresentada como um mal universal, embora tenha trabalhado de forma diferenciada em cada uma das obras (OMENA, 2011, p. 260).

Partindo desses elementos, entendemos que a consolatória apresenta em sua composição alguns artifícios retóricos, os quais permitem dar ênfase a um discurso cuja finalidade seria dedicar a alguém argumentos de consolo, os quais reintegrariam o indivíduo à sua vida social; um segundo artifício seria a utilização de *exempla* no decorrer da narrativa consolatória, com o intuito de significar a consolação por meio de representações de *persona* cívicas guiadas pela prática da *uirtus* mesmo estando diante da dor. Segundo as hipóteses de James Ker (2009, p. 91-92), a *auctoritas* de uma *consolatio* encontra-se na capacidade do autor, em sua argumentação, convencer a pessoa em sofrimento de que a dor em estado prolongado o afasta do ideal de comportamento cívico.

Assim, compreendemos que a *consolatio* poderia reintegrar o destinatário à comunidade cívica, de modo a despertar-lhe a consciência da inevitabilidade da morte e dos males da fortuna e, deste modo, impor fim à tristeza. Como propõe Ker (2009, p. 92), a retórica consolatória acentuava a arte de convencimento e, portanto, poderia remodelar comportamentos sociais frente a situações hostis. Visto assim, a missiva senequiana construiu um discurso que trabalhou e influenciou as emoções de seus destinatários, tendo em vista a busca pela moderação da dor (MANNING, 1974, p. 74-75). Segundo Manning (1974, p. 75), a habilidade de Sêneca em escrever as consolatórias consistia em decidir como e quando aplicar o *remedia animi* perante a dor de seu destinatário,

ou seja, sua *argumentatio* deveria levar em consideração a posição social do indivíduo, suas relações sociais e o contexto no qual a *consolatio* é produzida.

Portanto, a consolação era um gênero textual destinado não somente ao indivíduo que recebia a carta, mas dedicado também ao público. O destinatário esperava receber uma consolação, que preservaria o seu nome e o de um ente querido que houvesse falecido. O público, por sua vez, esperava de um filósofo consolador enunciações que afirmassem sobre a necessidade de se submeter ao destino, sobre a insignificância da morte e uma posição de força perante os duelos da vida.

Referências bibliográficas

Documentos

CICERO, M. T. **Disputaciones Tusculanas**. Intr., trad., y notas de Alberto Medina González. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

_____. **Del supremo bien y del supremo mal**. Intr., trad., y notas de Victor J. H. Llorente. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

_____. **Cartas III, cartas a los familiares (cartas 1 – 173)**. Intr., trad., y notas de José A. Beltrán. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

_____. **Cuestiones académicas**. Intr., trad., y notas de Julio Pimental Álvarez. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

CATULO. **O Cancioneiro de Lésbia**. Intr., trad. e notas de Paulo Sérgio Vasconcellos. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

MARCIAL. **Epigramas**. Intr. Juan Fernández Valverde. Trad. y notas de A. Ramirez de Verger. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

_____. **Epigramas II**. Trad., y notas de A. Ramirez de Verger e J. Fernández Valverde. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

PLUTARCO. **Obras morales y de costumbres (moralia) II**. Intr., trad., y notas de C. Morales Otal e J. García López. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

SÉNÈQUE. **Dialogues. Tome III: Consolations**. Texte établi et traduit par René Waltz. Paris: Les Belles Lettres, 1923.

SENECA. **Moral Essays I**. Tr. by John W. Basore. London: Loeb Classical Library, 1928.

SENECA. **Moral Essays II**. Tr. by Richard M. Gummere. London: Loeb Classical Library, 1920.

SENECA. **Dialoghi**. A cura di Paola Ramondetti. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1999.

SÉNECA. **Diálogos**. Consolaciones a Marcia, a su Madre Helvia y a Polibio. Apocolocintosis. Intr., trad. y notas de J. Mariné Isidro. Madrid: Gredos, 1996.

SÉNECA. **Diálogos**. Ed. C. Codoñer. Madrid: Editora Nacional, 1984.

SÊNECA. **Cartas Consolatórias**. Trad. de C. F. M. Van Raij. Campinas, SP: Pontes, 1992.

SENECA EL VIEJO. **Controversias libros I – IV**. Intr., trad., y notas de Ignacio Javier Adiego Lajara *et al.* Madrid: Editorial Gredos, 2005.

_____. **Controversias libros VI – X. Suasorias**. Trad., y notas de I. Javier Adiego Lajara *et al.* Madrid: Editorial Gredos 2005.

SUETONIO. **Vidas de los doce césares**. Intr. Antonio Ramirez de Verger. Trad. y notas de Rosa M. Agudo Cubas. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

TÁCITO. **Anales libros XI-XVI**. Intr., trad., y notas de José L. Moralejo. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

Obras gerais:

ALBRECHT, Michael von. **Historia de la literatura romana desde Andronico hasta Boecio**. Vol. II. Barcelona: Herder, 1999.

_____. Sobre la lengua y el estilo de Séneca. **Myrtia**, n.15, 2000, p. 227-245.

ALEXANDRE JUNIOR, M. Eficácia retórica: A palavra e a imagem. Centro de estudos clássicos, faculdade de letras da universidade de Lisboa. **Revista Rhêtorikê**. n.1, v.0, p.1-26, 2008.

_____. Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 8, 2015, p. 166-187.

ANDRÉ, C. A. Trilhos de evasão: estratégia retórica de Séneca, nas consolações *ad helviam* e *ad polybium*. **HVMANITAS** — Vol. XLVII, 1995, p. 593-615.

ANTÓN MARTÍNEZ, B. La epistolografía romana: Cicerón, Séneca y Plinio. **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 47, Nº 142-143, 1996, p. 105-148.

BRAUND, S. Seneca Multiplex: The Phases (and Phrases) of Seneca's Life and Works In: BARTSCH, S.; SCHIESARO, A. (Eds.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 15-28.

CAROÇO, A. F. P. '*Omnia humana caduca sunt*': A Consolação a Márcia de Séneca. 208f. (Dissertação). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Clássicos. Lisboa, 2011.

CELESTINO, M. M. Las Consolaciones de Séneca. **Estudios humanísticos**. N. 20, 1998, p. 69-84.

CID LUNA, P. Materia y forma de la consolación senequiana (I). **Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos**, Nº 15, 1998, p. 231-245.

_____. Materia y forma de la consolación senequiana (II). **Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos**, Nº 16, 1999, p. 107-140.

CORREA, S. Escritura y autoejemplaridad en la Epistula 30 de Séneca. **Emerita**, Revista de Lingüística y Filología Clásica. LXXXV 1, 2017, p. 95-115.

COSTA JUNIOR, C. L. J. Sêneca na Córsega: alguns apontamentos acerca do exílio na *Consolatio ad Helviam*. In: **XV Encontro Regional de História da ANPUH/PR**, 2016, Curitiba. Anais Eletrônicos, 2016, p. 1-13.

COSTA, M. A. A relevância sócio-comunicativa da carta na Roma antiga. **Revista Mundo Antigo**. Ano III, V. 3, N° 06, 2014, p. 77-90.

EDWARDS, C. Epistolography. In: HARRISON, S (ed.), **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell, 2005, p. 270-283.

EHRHARDT, M. L. **O arquiteto do social: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do Principado a partir da Historia Magistra Vitae**. 228f. (Tese). Universidade Federal do Paraná. Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2008.

FERRILL, A. Seneca's Exile and the *Ad Helviam*: A Reinterpretation. **Classical Philology**, Vol. 61, No. 4, 1966, p. 253-257.

GARCÍA, C. C. La epístola como género literario de la antigüedad a la edad media latina. **Estudios clásicos**, Tomo 18, N° 73, 1974, p. 427-442.

GLOYN, L. **The ethics of the family in Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

GONÇALVES, A. T. M.; MESQUITA, F. D. G. Atividade epistolar no mundo Antigo: relendo as cartas consolatórias de Sêneca. **História Revista**, Goiânia, v. 15, n. 1, 2010, p. 31-53.

GRIFFIN, M. T. **Seneca: a philosopher in politics**. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GRIMAL, Pierre. Acción y vida interior en Séneca. **Estudios Clásicos**, Tomo 24, N° 85, 1980, p. 81-100.

GUARINELLO, N. L. Nero, o estoicismo e a historiografia romana. **Boletim do CPA**, Campinas, n° 1, jan./jun. 1996.

GUERRI, E. C. **La sociedade romana en Séneca**. Murcia: Publicaciones de la Universidad de Murcia, 1979.

GUNDERSON, E. **The sublime Seneca: Ethics, literature, metaphysics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HABINEK, T. N. *Imago suae vitae: Seneca's Life and Career*. In: DAMSCHEN, G.; HEIL, A. (Eds.). **Brill's Companion to Seneca** - Philosopher and Dramatist. Boston: Brill, 2014, p. 3-32.

KER, James. **The deaths of Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KERR, L. S. L. *Si uales, bene est, ego ualeo*: algumas concepções do gênero epistolar greco-romano. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 45 (3), 2016, p. 1133-1146.

KOWERSKI, L. M. Sadder Than Simonidean Tears: Cornificius and Simonides in Catullus 38.1. **Classical World**, V. 101, N. 2, 2008, p. 139-157.

MANNING, C. E. The Consolatory Tradition and Seneca's Attitude to the Emotions. **Greece & Rome**, Second Series, Vol. 21, No. 1, 1974, p. 71-81.

MARCOS CASQUERO, M. A. Epistolografía Romana. **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 34, N° 103-105, 1983, p. 377-406.

MAYER, R. G. Roman Historical Exempla in Seneca. In: FITCH, J. G. (Ed.). **Oxford Readings in Classical Studies - Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 299-315.

OMENA, L. M. de. Memória de viagem: a "*uirtus*" à luz da "Consolatória" de Sêneca. **Dimensões**, v. 26, 2011, p 256-272.

PERINI, R. "*Retrato di famiglia*" Seneca e i suoi nella *Consolatio ad Heluiam*. In: **Gli Anei**. Una famiglia nella storia e nella cultura di Roma Imperiale. Atti del Convegno internazionali di Milano. Pavia, 2000, p. 339-356.

PIERNAVIEJA, P. Epistolografía latina. **Estudios clásicos**, Tomo 22, N° 81-82, 1978, p. 361-374.

REDONET, F. L. La consolatio de caecitate en la literatura latina. **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 54, N° 164-165, 2003, p. 369-390.

_____. Elementos consolatoris en los proemios de obras retóricas y filosóficas de Cicerón (*De oratore*, *Brutus*, *De amicitia*) **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 48, N° 147, 1997, p. 341-364.

ROLLER, M. The exemplary past in Roman historiography and culture. In:

FELDHERR, A (Ed.). **The roman historians**. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 181-194.

SALLES, C. **Lire à Rome**. Paris: Payot, 2010, 331p.

SERRA, J. B. Procedimientos retóricos en Séneca: *Ad Lucilium II*. **Studia Philologica Valentina** Vol. 8, n. 5, 2005, p. 11-35.

SILVA, J. H. O. **República e Império em Sêneca**. 114f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Mariana, MG, 2018.

SILVEIRA, F. L. **Imagens da preceptiva e da dogmática na epístola 95 de Sêneca**. 107f. (Dissertação) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2011.

VALVERDE GARCÍA, A. La estructura compositiva de las "Epístolas morales a Lucilio" de Séneca. **Habis**, Nº 39, 2008, p. 143-151.

VELOSO, M. F. Uma Leitura da Escrita Consolatória Senequiana. **Em tese**, v. 10, 2006. p. 151-156.

VEYNE, P. **Sêneca e o estoicismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

VILLIERS, A. **Catullus decentred: the poetics of the periphery**. Dissertation presented for the degree of Doctor of Philosophy at Stellenbosch University. March 2016.

WILSON, Emily. **The greatest empire: a life of Seneca**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

Recebido em setembro de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.